

A PROVÍNCIA

Semanário

AVENÇA

INFORMAÇÃO .. CULTURA .. RECREIO

Proprietário, Administrador e Editor
V. S. MOTTA PINTO

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO - AV. D. NUNO ÁLVARES PEREIRA - 18 - TELEF. 026 467
MONTIJO

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO - TIPOGRAFIA «GRAFEX» - TELEF. 026 236 - MONTIJO

DIRECTOR
ÁLVARO VALENTE

TRINTA ANOS DO DISTRITO DE SETÚBAL

HOMENAGEM DE «A PROVÍNCIA»

Fez no dia 22 de Dezembro passado trinta anos que o Distrito de Setúbal foi criado, pelo decreto 12870. Terminados os números festivos do Natal e do Ano Novo, este semanário sente-se no dever de comemorar nas suas colunas o notável acontecimento, homenageando por esta forma a cidade que lhe serve de sede e que, por consequência, o simboliza.

Embora modesta esta homenagem, ela é espontânea, sem encomenda prévia, sem outro interesse que não seja o de celebrar um facto que marcou historicamente o início do progresso de toda a região por ele abrangida. E como Montijo ao Distrito homenageado pertence, esse dever quase se converte em obrigação.

Foi seu primeiro paladino um jornalista: Campos Rodrigues, — mais uma razão para que o nosso jornal tome esta atitude. Assim se afirma

mais uma vez a força e a missão da Imprensa. Seguiu-se-lhe o então deputado pelo nosso círculo: Joaquim Brandão, — esse honrado homem público cuja memória não devemos esquecer. Finalmente, foi vencedor o Dr. Carlos Moniz, — presidente da Câmara de Setúbal pelos fins de 1926.

Criado o Distrito, foi seu primeiro Governador Civil o Dr. Miguel Homem de Sampaio e Melo, Juiz da comarca, seguindo-se-lhe outros Magistrados até o actual, o Dr. Miguel Rodrigues Bastos.

A cidade de Setúbal ficou sua capital e sede, — motivo por que a nossa homenagem a toma por símbolo, como representante oficial do Distrito cujo 30.º aniversário se comemora.

A terceira cidade portuguesa, em população, bem merece esta desvaliosa homenagem que «A Província» lhe presta. Algumas palavras

vamos escrever para o demonstrar, ainda que não seja possível em tão curto espaço inserir tudo quanto a esse respeito se poderia dizer.

Esse importante centro industrial, — um dos mais importantes do nosso país —, com uma população de 50.455 habitantes e 19292 quilómetros quadrados de superfície, é também sede de comarca, possui um liceu nacional, uma escola comercial e industrial, uma biblioteca e três museus.

Impõe-se-nos, portanto, dizer também alguma coisa do seu passado histórico, para descrevermos, em parte, a

grandeza dos seus alicerces:

—D. Afonso Henriques deu-lhe foral em 1249; D. Sancho, D. Afonso III e D. Diniz o confirmaram; D. Manuel o reformou em 1514.

Data daqui a sua maior actividade, pois esse foral assim reformado, como os 237 dessa época, proporcionou-lhe os meios de mais latitudinariamente se expandir e desenvolver.

E desde então até o presente o seu desenvolvimento nunca mais se deteve, até ser a majestosa cidade a que o poeta Andersen chamou em 1867, «este paraíso terreal».

E, na verdade, ela é bela e os seus arredores encerram panoramas dos mais surpreendentes de Portugal!

A um lado, a Arrábida, «vestida dos seus rosmaninhos e alecrins», como disse António Feliciano de Castilho, com sua torre do Outão, — qual sentinela vigilante da barra do formoso Sado; mais para cá, Palmela com seu castelo, — repositório de lições da história pátria e com seu panorama ao alto, sem descrição; do outro lado a Troia antiga, talvez Cetóbriga, ou Catóbriga, ou Cetobrix dos ro-

Convento de Jesus e cruzeiro fronteiro



manos (e dizemos «talvez» porque há quem afirme que essa Cetóbriga ficava onde hoje está Setúbal); e a realçar todas estas belezas, a graciosa baía, com suas águas espelhentas, onde se baloçam os instrumentos de trabalho que trazem à cidade a riqueza e a fonte principal das suas actividades.

E ela própria, a Túbal antiga, do neto de Noé, aí se mostra esplendorosa em suas paragens, rodeada de verdes e doirados laranjais, à beira desse cristalino e luminoso rio Sado, no matraquear constante da sua intensa vida comercial, industrial e marítima.

Desse Oceano omnipotente que a banha, lhe vem a maior parte do seu movimento. Se

esse mar lhe dá fartura, toda a multidão de trabalhadores se lança à labuta diária e a alegria espalha-se em todos os lares; se o mesmo Oceano lhe recusa, por vezes, os seus produtos e se retrai, vêm o silêncio e a opressão a todos os recantos.

Ainda pelo lado histórico, podemos citar os seguintes factos:

— Em Julho de 1458 parte de Setúbal a armada em que D. Afonso V foi à conquista de Alcácer Ceguer; em 23 de Agosto de 1484, D. João II apunhala por suas mãos o primo e cunhado Duque de Viseu, nas casas que foram de D. Nuno da Cunha; em 1580 toma o partido de D. António, prior do Crato, e pela sua Causa escreve páginas

de fulgurante bravura e resistência; em 26 de Setembro de 1525, D. João III dá-lhe o título de «notável»; após a revolução de 1640, a rainha Leonor de Gusmão dá aos setubalenses o título de «leais vassallos»; em 1619 é visitada por Felipe II e em 1711 por D. João V, havendo nessa altura grande festividade e caçada em Troia; em Abril de 1860, D. Pedro V eleva a vila a cidade e visita-a também; em 1817 é ainda visitada pelos Imperadores do Brasil.

(Continua na página 4)



Chafariz do Século XVII



Vista geral da cidade

VIDA
PROFISSIONAL

Médicos

Dr. Avelino Rocha Barbosa

Das 15 às 20 h.
R. Almirante Reis, 68, 1.º
Telef. 026 245 - MONTIJO
Consultas em Sarilhos Grandes,
às 9 horas, todos os dias, excepto
às sextas feiras.

Dr. Fausto Neiva

Largo da Igreja, 11
Das 10 às 13 e das 15 às 18 h.
Telef. 026 256 - MONTIJO

Dr. J. Sousa Correia
CLÍNICA DENTARIA

Dentes artificiais e consertos
Consultas todos os dias
das 11 às 13 e das 15 às 17 horas
Rua Bulhão Pato, 58 - MONTIJO

Dr. Cristiano da Silva Mendonça
MÉDICO VETERINÁRIO

R. Luís de Camões - MONTIJO
Telefone 026 502

Dr.ª Isabel Gomes Pires

Ex-Estagiária do Instituto
Português de Oncologia.
Doenças das Senhoras
Consultas às 3.ªs e 6.ªs feiras
R. Almirante Reis, 68-1.º - Montijo
Todos os dias
Rua Moraes Soares, 116-1.º
LISBOA Telef. 48649

Parteiras

Felislba Victória Pina

Parteira - Enfermeira
Partos, injecções e tratamentos
Rua Sacadura Cabral, n.º 50
TELEF. 026 487 - MONTIJO

Augusta Marq. Charneira Moreira

Parteira-Enfermeira
Diplomada pela Faculdade de
Medicina de Coimbra
Rua Tenente Valadim, 29-1.º
MONTIJO

Armanda Lagos

Parteira-Enfermeira
PARTO SEM DOR
Ex-estagiária das Maternidades de
Paris e de Strasbourg.
De dia - R. Almirante Reis, 72
Telef. 026038
De noite - R. Machado Santos, 28
MONTIJO

Organizações

Progresso

Oiçam todas as 3.ªs feiras às
13 horas, através do Clube
Radiofónico de Portugal, o
programa «REVISTA DES-
PORTIVA», uma produção de
Fernando de Sousa, com o
patrocínio deste jornal.

REVISTA DESPORTIVA

15 minutos em que se fala do
desporto e a favor do desporto.
Brevemente no ar o programa
TOUROS, TOUREIROS, E
TOURADAS - um programa
em que se diz a verdade sobre
Festa Brava. Para a sua publi-
cidade consulte

Organizações Progresso

Trav. da Bica aos Anjos, 27-1.º
Telef. 731315 LISBOA

MONTIJO

Banda Democrática 2 de Janeiro

Comemorando o 43.º anivers-
ário da sua fundação,
realizou esta popular e pres-
timsosa Banda várias festi-
vidades, as quais tiveram
início no dia 1 do corrente
com alvorada, concerto no
coreto da Praça da Repú-
blica, e baile na sede.

O concerto, sob a hábil
regência do Maestro Homero
Ribeiro Apolinário, teve
grande assistência, sendo a
Banda justamente ovacio-
nada pela execução do seu
programa. A abertura sin-
fónica «Os Girondinos» e a
Sinfonia Incompleta, de
Schubert, foram objecto de
grandes manifestações de
agrado e de apreço por parte
dos assistentes.

O baile, abrilhantado pelo
conjunto musical «Os
Leais», decorreu com a ha-
bitual animação.

No dia 2, dia do aniver-
sário, houve também alvo-
rada.

Depois, pelas 21 horas, a
Banda saiu a cumprimentar
as autoridades, os B. V., e
a Imprensa local.

Agradecemos, muito gra-
tos, os cumprimentos que
vieram trazer à nossa Redacção.

Pelas 21 horas e trinta
realizou-se, na sede, o «Mon-
tijo de Honra», - festa ori-
ginal, íntima, mas sempre
cheia de vibração.

Presidiu o sr. José da
Silva Leite, presidente da
nossa Câmara Municipal,
vendo-se na mesa de honra
o sr. vice-presidente da Cá-
mara, o Maestro Homero
Ribeiro Apolinário, o Dr.
Gonçalves Rita, presidente
da Assembleia Geral, os
representantes da Imprensa
local, e outros convidados.

Usou em primeiro lugar
da palavra o sr. José Ma-
chado, presidente da Direc-
ção, para agradecer a pre-
sença dos convidados e sau-
dar a Banda, seu Maestro e
executantes, pelos êxitos
obtidos, fazendo votos para
que mais e melhor consigam
no futuro

Seguiram-se o Dr. Pau-
lino Gomes, o sr. José da
Silva Leite, o Maestro Ho-
mero Ribeiro Apolinário, o
Dr. Gonçalves Rita, e por
fim Justiniano Gouveia,
todos exaltando o valor da

colectividade em festa e o
seu 43.º aniversário.

O «Montijo de Honra»
terminou com a execução
pela Banda do seu hino, no
meio do maior entusiasmo
de toda a assistência.

«A Província» rejubila
com a grandiosidade das
comemorações efectuadas,
renova as suas felicitações,
e faz sinceros votos pelo
progresso e longa existên-

cia da prestigiosa agremia-
ção.

— Na sessão do «Montijo de
Honra», o sr. Manuel Lou-
renço de Oliveira, que vai
abrir o seu estabelecimento
de ourivesaria na nossa terra,
ofereceu à Banda Democrá-
tica um lindo emblema em
ouro, cravejado de pedras
preciosas. Este gesto foi en-
tusiásticamente aplaudido
por toda a assistência.

Nódoa que convém limpar

Em missão que gostosa-
mente desempenhei, deslo-
quei-me, no dia de Natal, ao
sítio conhecido por «merca-
do», zona para onde está
projectada a construção da
Praça de Toiros de Montijo.
Tinham-me dito que, na-
quele local, viviam miserá-
velmente algumas famílias,
às quais era necessário ajuda
com agasalhos e aliment-

tos.

Acompanhado de pessoas
amigas ali fui, e o que pre-
senciei deixou-me completa-
mente atónito e apavorado.
Sabia existir alguns pontos
próximos da vila, deter-
minados locais onde «vege-
tam» várias famílias, mas
não supunha que tão próxi-
mo existisse um bairro cons-
tituído por miseráveis cabanas
de lata, onde se amontoam
algumas dezenas de criaturas
sem o mínimo do mínimo de
higiene e limpeza.

Encurraladas em barracas
de latas velhas, mal cheiro-
sas e húmidas, encontram-se
famílias inteiras e numerosas
vivendo na maior promiscui-
dade que é possível imagi-
nar!

O espectáculo oferecido
por esta pobre gente esfar-
rapada e pelas crianças es-
quálidas, deambulando entre
lama e o lixo que por ali
abunda em fartas monturei-
ras, fez com que ficasse sim-
plesmente estarrecido; e fi-
quei tristemente pensando:
Como é possível vivermos
lado a lado com tanta mis-
éria sem que tenhamos ver-
gonha da nossa condição
humana? Como é possível
sentarmos-nos à mesa diante

um prato de sopa fume-
gente e apetitosa, sem que
tenhamos um gesto de compai-
xão para com aqueles que
vivem em tão precária situa-
ção? Como é que à noite ao
deitarmos-nos numa cama
mais ou menos confortável
esquecemos os que têm o
chão duro e bafiento como
colchão?

Tantas foram as perguntas
que me afloraram à mente
em presença do quadro que
presenciava que o espaço
naturalmente seria pouco
para expressar a revolta que
me ia na alma.

Num mundo onde o Cris-
tianismo impera como reli-
gião da Paz e do Amor, não
é possível conceber a exis-
tência de seres humanos a
viver em tais condições.

É preciso, portanto, fazer
alguma coisa a favor daquela
pobre gente e oferecer-lhes
uma casa simples e modesta
mas limpa e asseada e com
o mínimo indispensável para

Boas Festas

Recebemos, depois do último
número de «A Província», mais os
seguintes cartões de Boas Festas
que muito agradecemos:

— Mário Caldeira, de Lisboa;
Artur de Sousa, de Faro; António
Francisco, de Lisboa; Casa Victor,
de Montijo; José Alvarenga Pinto
da Costa, de Mesão Frio; Comissão
Municipal de Turismo, de Setúbal;
Francisco Joaquim Baptista, de
Estremoz; Direcção do Orfeão da
Covilhã; Círio dos Atrasados de
N. Senhora da Atalaia; Centro
Escolar N.º 1 da M. P., Setúbal;
Comissão da Praça de Toiros, de
Montijo.

A todos retribuímos os desejos
e votos amigos, expressos nesses
cartões.

poder alojar uma família.
Fala-se num bairro de ca-
sas económicas para a nossa
terra; mas este bairro não
resolve de maneira nenhuma
este problema, pois os que
vivem naquele sítio e nou-
tras zonas limítrofes da vila
não podem pagar um cênti-
mo de renda. Há que seguir
o exemplo do Município lis-
boeta, construindo blocos de
casas em luzalite, constru-
ções essas que não ficam
caras devido ao material
empregado.

Aqueles nossos semelhan-
tes bem precisam que se
lhes dê abrigo condigno e
sem encargo para as suas
inexistentes bolsas.

Façamos, pois, alguma
coisa, ao menos por caridade
para com aqueles que, tendo
corpo e alma, com nós outros,
estão, todavia, acorrentados
ao espectro da miséria e da
doença, mais por culpa nossa
do que por culpa deles.

Joaquim Silva

Concelhos Ribeirinhos da margem sul do Tejo

VI

A esta Igreja de nossa Senhora
de Sabonha, hiam ouvir missa an-
tigamente os moradores de Alcou-
chete e Aldeagallega, e tudo era
uma Jurisdição, cno proprio lugar
de Sabonha se fazia audiência a
a estes dous povos, e de hum a
outro ha distancia de hum legoa,
e no meyo está o mosteiro, na
caza que antigamente foi da invo-
cação de nossa Senhora de Sabo-
nha, a qual ainda hoje tem.

Dividiram-se estas duas vilas
com licença do Mestre de Santiago
e se apartaram os termos de cada
hum dellas, e em cada hum tem
Juiz, e vereadores, e escriuaens, e
se faz a eleição separada, ainda
que o Juiz de fora que serue em
Aldeagallega o he tambem de
Alcouchete, e assim se intitula per
sua provizam, Juiz de fora de
Aldeagallega e Alcouchete.»

Esta separação não quer dizer
que as duas vilas deixassem de
continuar a ter no seu termo a
igreja de Sabonha como sede da
freguesia comum. Em 1525 ela era
ainda a matriz de todas as povoa-
ções do antigo «Concelho Riba-
tejo», quando, cada uma dessas
localidades já tinha a categoria de
vila, aí por 1450, e possuía o seu
foral manuelino.

É evidente que, outorgados os
forais, surgiram entre uma e outra
terra conflitos de jurisdição, mo-
tivados principalmente na incer-
teza dos limites concelhios de cada
uma. Com a maturidade social e
económica, relaxaram-se os laços
da antiga aliança e o mal estar su-
bistiu até que uma demarcação se
impôs, levada a cabo mais tarde,
em 1574, pelo licenciado António
Sanches Brandão, ouvidor do
mestre Je Santiago e corregedor
de Almada.

Os forais manuelinos, dados
respectivamente, a Alhos Vedres
em 15 de Dezembro de 1514; a
Aldeia-Galega em 15 de Setembro
do mesmo ano; e a Alcouchete em
17 de Janeiro de 1515, revelam-nos,
quanto aos das duas últimas vilas,
ou uma manifestação de insensatez
do legislador, ou um descuido
inexplicável. É que o foral de
Aldeia-Galega, datado, como se vê,
de 1514, parece ter havido o pro-
pósito de o anular, porque o de
Alcouchete, datado do ano seguinte,
dizia no inítrito do seu contexto,
o seguinte:

«A quantos esta nossa carta de
foral, dada as villas de Alcouchete
e Aldeia-Galega para sempre
virem, fazemos saber, etc.»

Joaquim de Cruz
(Continua)

SANFER, L. DA

SEDE LISBOA, Rua de S. Julião, 41-1.º

ARMAZENS MONTIJO, Rua da Bela Vista

AEROMOTOR SANFER o moínho que resistiu ao ciclone - FERROS para construções, ARAMES, ARCOS, etc.

CIMENTO PORTLAND, TRITURAÇÃO de alimentos para gados

RICINO BELGA para adubo de batata, cebola, etc.

CARRIS, VAGONETAS e todo o material para Caminho de Ferro

ARMAZENS DE RECOVAGEM

AGENDA ELEGANTE

MONTIJO

AGENDA UTILITÁRIA

Aniversários

DEZEMBRO

— No dia 31, completou 18 anos o sr. António José Fuste de Sousa, sobrinho do nosso dedicado assinante Sr. Joaquim da Fonseca.

JANEIRO

— No dia 2, o sr. Gabriel da Fonseca Mimoso, nosso prezado amigo e dedicado assinante.

— No dia 2, a menina Maria José Simões Bárbara completou 4 anos, dedicada filha do nosso estimado assinante sr. Jacinto António Ger-vásio Bárbara.

— No dia 2, completou 40 anos a sr.ª D. Maria Guilhermina Ger-vásio Bárbara, irmã do nosso estimado assinante sr. Jacinto António Ger-vásio Bárbara.

— No dia 3, a sr.ª D. Francelina de Freitas Mimoso, esposa do nosso dedicado assinante sr. Gabriel da Fonseca Mimoso.

— No dia 5, completou 20 anos a gentil menina Maria Estrelita Pires Borralho, filha da nossa dedicada assinante sr.ª viúva de António Pires Borralho.

— No dia 10, completa 16 anos a gentil menina Maria Felisbela Dias Graes, filha do nosso prezado assinante, sr. Edmundo Duarte Graes.

— No dia 12, o sr. José Tavares de Almeida, nosso prezado assinante residente em Lisboa.

— No dia 13, o sr. Amaro Soares da Silva, nosso dedicado amigo e assinante no Brasil.

— No dia 16, completa 21 anos o menino Francisco José dos Santos Simões, sobrinho do nosso estimado assinante Sr. José Paulo da Silva Futre.

Deontes

— Tem passado bastante incomodado de saúde, o nosso prezado assinante sr. Gabriel da Fonseca Mimoso.

Fazemos ardentes votos pelo seu restabelecimento.

— Já se encontra em sua casa, completamente restabelecido, o nosso estimado assinante e amigo sr. António Joaquim Marques que, como noticiámos, foi operado há pouco tempo.

Folgamos com o facto e cumprimentamo-lo com todo o afecto.

Concurso Hora Feliz

Na passada quinta-feira, dia 3, o relógio do Concurso da Relojoaria e Ourivesaria Contramestre, na P. 1.ª de Maio, em Montijo, parou nas:

18 horas e 19 minutos

E foi contemplada, a gentil menina Maria Susete Barreto da Silva — R. da Misericórdia, N.º 4 — em Montijo, que tinha a hora mais próxima:

18 horas e 17 minutos

Porque se não inscreve também no concurso? Habilita-se, e verá que já na próxima semana também poderá ser contemplado com o prémio do Concurso — HORA FELIZ.

Para os nossos pobres

Do sr. Joaquim Manuel de Oliveira Lucas recebemos a quantia de 5\$00 esc., e da sr.ª D. Josefina Maria de Oliveira Lucas recebemos também 5\$00 esc., destinados aos pobres de «A Província».

Agradecemos, em nome dos contemplados, essas ofertas.

ESCOLA DE CONDUÇÃO

LIGEIOS E PESADOS de Silvano Saraiva

Comunica a todos os seus Ex.^{mos} Alunos, Clientes e amigos que transferiu as suas instalações para a Av. João de Deus, n.º 19 e 21 em Montijo, onde espera receber a visita de todos, e ao mesmo tempo apresenta cumprimentos de Feliz Ano Novo e desejando-lhes muitas felicidades no decurso dos seus exames.

O 48.º aniversário dos

Bombeiros Voluntários DE MONTIJO

Comemoraram no dia 1.º do ano o 48.º aniversário da sua fundação, os B. V. de Montijo.

Pelas 7 horas houve alvorada e içou-se a bandeira da Associação, com a presença de todo o Corpo Activo, enquanto os clarins executavam a marcha de continência.

Em seguida a Corporação foi apresentar cumprimentos às autoridades, à Sociedade Filarmónica 1.º de Dezembro, e à Banda Democrática 2 de Janeiro, dirigindo-se depois em romagem ao cemitério, às campas dos Voluntários falecidos.

Pelas 11 horas, no Quartel dos B. V., compareceram o sr. José da Silva Leite, presidente da Câmara Municipal, acompanhado pelo sr. vice-presidente e pelo tesoureiro, procedendo-se, então, à entrega de divisas e machados a 12 Voluntários os quais passaram assim ao Quadro Activo da Corporação.

Finalmente, o sr. Presidente da Câmara concedeu com medalhas de «assiduidade e dedicação» os nove bombeiros seguintes: Secundino Martins, ajudante do Comando, Joaquim Lucas Ferreira, de 1.ª classe, Pompeu Lourenço da Costa, de 1.ª classe, Manuel Martins Gonçalves, de 2.ª classe, José Maria Fernandes, de 3.ª classe, Carlos Azevedo dos Santos, de 3.ª classe, Manuel Garcia, António Horta Savelha, e Mário Dias dos Santos, também de 3.ª classe.

As condecorações foram oferecidas pelo sr. Presidente da Câmara.

Esteve presente a todas as cerimónias o sr. António Joaquim de Jesus Relógio, 1.º Comandante da Corporação em festa.

Cumprimentamos os B. V. de Montijo e fazemos mais uma vez votos de prosperidades infinitas.

— A Corporação está muito reconhecida a todas as pessoas que concorreram para a sua «Árvore do Natal» com donativos, especialmente ao sr. José Machado, industrial de cortiças, que concorreu com a verba de 500 escudos.

Do Presidente da Comissão Administrativa do Asilo de S. José, recebemos o seguinte offício:

Montijo, 31 de Dezembro de 1956

Senhor Director do Jornal
«A Província» Montijo

A Comissão Administrativa do Asilo de S. José, vem muito reconhecida agradecer a V. e aos funcionários desse Jornal, a amável visita que se dignaram fazer a esta instituição, bem como as vossas ofertas que registámos com muito prazer.

A Bem da Nação

O Presidente,

Francisco Vicente Lucas

Praça de Toiros de Montijo

É com a maior satisfação que damos aos nossos leitores e aficionados esta notícia: A Comissão Pró Praça de Toiros participa-nos, e a toda a população de Montijo, que a partir de 1 do corrente mês as sub comissões de ajuda saem na petição da *Campanha do Cimento*, para as quais espera o melhor acolhimento.

Mais nos comunica a mesma Comissão que está em organização o 1.º «combóio» de materiais, re-

colhendo-se, a partir da mesma data, todos os materiais usados, utensílios e ferramentas para a construção do pavilhão de armazenamento a construir no terreno da futura Praça.

Vemos, pois, por estas comunicações, que se vai entrar, finalmente, no caminho das realizações práticas, com o que muito nos congratulamos.

De forma igual se congratularão todos os interessados, sempre prontos, como se tem visto, a concorrerem para essa iniciativa de tamanho engrandecimento para Montijo.

Ontem, 9 do corrente, realizou-se no Cinema Popular, gentilmente cedido, um espectáculo a favor da construção da Praça, com a fita «Sangue e Arena».

O público não faltou. Lá esteve a demonstrar mais uma vez que se encontra disposto a colaborar com a Comissão para que a Praça de Toiros de Montijo seja uma breve realidade.

Uma breve, sim, porque é preciso não esquecer que as Festas Populares de S. Pedro se efectuam em Junho do corrente ano...

Agradecimento

Ao Ex.º Sr. Dr. João
Filipe Barata

A família de Adelaide Maria Iça vem por este meio agradecer ao Ex.º Médico a maneira carinhosa, boa vontade, zelo, e competência, com que sempre procedeu durante a doença de sua querida mãe, sogra, e avó, pedindo-lhe as maiores desculpas, sem querer diminuir de forma alguma a sua modestia, com este agradecimento que vem a público.

A nossa

«Árvore do Natal»

Para elucidação dos nossos leitores e de quantos concorreram para aquela iniciativa, publicamos os seguintes elementos:

Receita — donativos: - 1.189\$50.
Despesas: — Cosme e Sanchez (Massa), 205\$00; Pedro Bandeira (Café), 160\$00; Casa das Vergas (Brinquedos), 182\$50; José L. Carreira (Peúgas), 50\$00; Júlio dos Santos (Frutas), 84\$00; Pastelaria Mimosa (Broas e fiambre), 170\$00; A. Ramos Dias (Acúcar), 134\$00; Frutaria Silva (Bananas), 135\$00; Café Veimar (Rebuçados), 20\$00; Café Central (Chocolates), 40\$00; Café Ribatejano (Bolachas e rebuçados), 55\$00; Soma: 1.230\$50.

Foram contempladas 92 famílias e mais de 300 crianças.

Reiteramos a todos os nossos melhores agradecimentos.

S. F. 1.º de Dezembro

Esta colectividade realizou e realiza, durante o mês corrente, os seguintes bailes:

— No dia 6 — dia de Reis —, o qual foi abrilhantado pelo Conjunto Musical «Reis da Alegria»;
— No dia 13, no dia 20, e no dia 27 — três reuniões admiráveis, com o concurso da orquestra montijense «Eldorado», o mesmo é dizer: três noites encantadoras, passadas no Salão de Festas daquela agremiação.

Agradecemos a gentileza do convite que nos endereçaram.

Da Casa do Povo de Canha

recebemos o seguinte officio que, muito sensibilizados, reconhecidamente agradecemos:

Senhor Director de «A Província»
MONTIJO

A Direcção do Casa do Povo de Canha, que está festejando a quadra do Natal com a exposição do Presépio do Menino Jesus e distribuição de roupas de agasalho e alimentos a crianças e velhinhos pobres deste organismo, neste principiar do ano de 1957, em que relembramos com infinita gratidão a acção meritória do Jornal «A Província» a que V. dá o prestígio da Vossa Direcção, — em prol da publicação dos vários feitos de assistência levados a efeito por este Organismo, nomeadamente, a última reportagem do redactor Sr. J. J. Caria, que foi acolhida nesta terra como a única reportagem publicada até hoje que melhor tenha interpretado a acção desta Casa do Povo, — vem apresentar respeitosos cumprimentos e sinceras saudações a V. e a todos os trabalhadores dessa casa de «A Província», augurando para todos e para Suas Ex.^{mas} Famílias Boas Festas e um Novo Ano cheio de Boa Saúde e de Felicidades.

Pede licença para oferecer o Relatório de contas deste Organismo referente ao ano de 1956, há poucos dias publicado.

A Bem da Nação

Casa do Povo de Canha, 3 de Janeiro de 1957

O Presidente da Direcção
João Custódio Isabel

Câmara Municipal de Montijo

Aquisição de lâmpadas

Até ao dia 21 de Janeiro corrente recebem-se propostas de preços para fornecimento das seguintes lâmpadas, marcadas com as iniciais C. M. M.

700 de 40w — 240 V
60 de 60 w — 240 V

Farmácias de Serviço

5.ª - feira, 10 — *D i o g o*

6.ª - feira, 11 — *Giraldes*

Sábado, 12 — *Montepio*

Domingo, 13 — *Moderna*

2.ª - feira, 14 — *D i o g o*

3.ª - feira, 15 — *Giraldes*

4.ª - feira, 16 — *Montepio*

Espectáculos

CINE POPULAR

5.ª feira, 10; Uma fenomenal reposição, «Cleopatra», com Claudette Colbert, Wancer William, e Henry Wilcoxon, batalhas, grandeza, e emoção. No programa, complementos curtos e Revista Paramount.

6.ª feira, 11; O 1.º prémio da interpretação da Bienal, Jean Gabin em «Perder e Ganhar», um dinâmico e colorido ambiente de box e o eterno conflito entre o amor e amizade, com complementos curtos.

Sábado, 12; Uma outra reposição de categoria com Jennifer Jones e Joseph Cotten, «Cartas de Amor», um filme de mais alta categoria e com grande elenco, complementos curtos e Imagens de Portugal.

Domingo, 13; Um filme em Cinemascope, «Seis de Junho, Dia D», com um famoso elenco, Robert Taylor, Dana Winter, e Edmond O'Brien, um filme que é uma promessa e uma surpresa, no programa complementos curtos.

2.ª feira, 14; Um filme que é uma homenagem ao heroísmo dos marinheiros e ao sacrifício das suas mulheres, «Torpedos Humanos», com Raf Vallone, Andrea Checchi, e Elene Verzi.

3.ª feira, 15; Uma história violenta numa cidade de vício, «Pânico na Cidade», com John McIntire e Kathryn Grant, com «A Ilha do Pecado».

4.ª feira, 16; Um filme em Metroscope, o maior drama de suspense de todos os tempos, «O Resgate», com Glenn Ford e Donna Reed, com complementos curtos.

CINEMA 1.º DEZEMBRO

Sábado, 12; (Para 13 anos) O filme de aventuras na selva, «Pântano de Fogo», e a comédia de gargalhadas, «Francis Detective».

Domingo, 13; (Para 13 anos) A obra-prima de Walt Disney, em technicolor, «O invencível David Crockett», a história de um índio indomável.

As 18 horas, Espectáculo para Crianças.

2.ª feira, 14; (Para 18 anos) O deslumbrante filme musical em technicolor, «Isto é Paris», com Tony Curtis e Gene Nelson.

4.ª feira, 16; (Para 18 anos) O drama do ano, «Nós os Médicos», muito superior ao «Médico e só Médico».

Agradecimentos

Justiniano Crespo

Sua mulher, filhos, netos e mais família, na impossibilidade de o fazerem directamente, vêm por este meio agradecer a todas as pessoas que acompanharam à sua última morada, o seu chorado, marido, pai e avó.

Adelaide Maria Iça

Adelaide Ladislau Bladrício, marido, filha e neta, Irene Ladislau Conceição, marido, filhos e neto, Gil Ladislau, mulher e filhos, vêm por este meio agradecer a todas as pessoas que se interessaram pela sua doença e acompanharam à última morada, sua chorada mãe, sogra, avó, e bisavó. A todos, o maior reconhecimento.

Trespasa-se

—ESTABELECIMENTO no Afonsoeiro, com o recheio, muito barato, podendo adaptar-se a outro ramo. Nesta Redacção se informa.

Trinta anos do Distrito de Setúbal

(Continuação da primeira página)

De seus filhos ilustres, reza a mesma História: — O académico António Rodrigues da Costa, que deixou uma obra literária de luzido valor; Belchior Fernandes Soares, doutor em Direito civil e também primoroso escritor; Diogo Fernandes Pereira e outros grandes navegadores; Estêvão de Liz Velho, capitão tenente da Praça de Sines, que jaz sepultado na igreja da Misericórdia; Gonçalo Cabedo, letrado ilustradíssimo; Mafaldo de Setúbal, navegador contemporâneo do infante D. Henrique; o Dr. José de Barros e Vasconcelos, insigne canonista; D. Gonçalo Pinheiro, lente da Universidade e embaixador na corte de França; o poeta Santos e Silva (Tomino Sadino); o notável pintor João Vaz; Frederico do Nascimento, ilustrado músico do século dezanove; as irmãs Aguiar, das quais se notabilizou Luisa que, casando com o violinista Todi, passou a chamar-se Luisa Todi, — a que deu o nome à linda avenida marginal; e, finalmente, (para não nos alongarmos mais) o insigne poeta Bocage (Elmano Sadino), o glorioso vate de tão famosa nomeada. Também pelo lado monu-

mental a cidade se notabiliza. São de relevo a Igreja do Convento de Jesus, mandada edificar por Justa Rodrigues Pereira, ama de D. Manuel I, e construída por Boytac, o mesmo que construiu os Jerónimos, (em frente existe um cruzeiro mandado construir pelo Duque de Coimbra, Mestre da Ordem de Santiago); Igreja de Santa Maria da Graça, o maior dos templos setubalenses; Igreja de S. Julião; monumento ao poeta Bocage; Igreja de S. João; Castelo de S. Felipe, construído em 1590, donde se desfruta um belo panorama; Casa onde nasceu Bocage, na rua de S. Domingos; Casa onde nasceu Luisa Todi, na rua Nova de Coima; Igreja do Senhor do Bonfim, etc..

Além de tudo isto, os arredores são maravilhosos, como dissemos. O palácio da Bacalhoa, a Quinta da Torre, a de S. Paulo e Capuchos, a Torre do Outão, a serra da Arrábida, com seu convento e demais belezas naturais, Palmela e seu Castelo, etc., confirmam o alto juízo dos turistas e simples visitantes.

Prestando esta singela homenagem, «A Província» junta os seus encómios justos ao coro de apoteoses

pela criação do Distrito de Setúbal e benefícios advindos, ao mesmo tempo que se curva perante a cidade por tantos títulos digna do nosso maior respeito e veneração.

O conhecimento DA TERRA

POR TEODORO DA SILVA

«O homem é um resultado, uma conclusão e um produto das circunstâncias que o envolvem — circunstâncias de clima, de alimentação, de ocupações, de religião, de política, de arte, de cultura» (Eça de Queiroz).

Querer, pois, afastá-lo da sua posição relativa à natureza, da sua dependência dos vários aspectos que o rodeiam — é tam pouco aceitável como, aliás, deixá-lo imerso num cego e profundo conformismo, num entorpecimento estéril, concebendo, por exemplo, a Agricultura como «a arte de assistir impassível ao trabalho da natureza».

É preciso é que o homem, convicto de que nunca deixa de ser um produto da mesma natureza, aplique a sua inteligência no sentido de criar uma orientação consciente na maneira como deve agir ante os seus vários aspectos, de modo a ordená-los e a sujeitá-los em satisfação das suas necessidades vitais. Assim, o homem será tanto mais feliz, quanto melhor souber, pela inteligência, pela cultura, moldar o ambiente conforme a necessidade de organizar o seu *habitat* com o conforto que a sua constituição física, as suas características psicológicas e artísticas, o próprio clima, requeiram.

É pelo estudo, pela aquisição de conhecimentos, que nós passamos da posição de conformismo, parados, abstractos, resignados, à posição de seres conscientes da sua condição, da sua função e do seu poder.

Não fiquemos olhando a marcha luminosa das águas dum rio, acorados à sombra vaga dum choupo, de olhos em alvo e mãos enteradas nos bolsos — numa atitude passiva, de «deus-dará». — É preciso fazer dele o veículo que nos leve mais além; trazer as suas águas aos nossos campos; contrariar os seus ímpetos devastadores, mas utilizar esses mesmos ímpetos como força motriz que nos possa servir.

Conhecido o modo como se encontra distribuída a produção animal e vegetal à superfície da terra, procurando o porquê de cada dessemelhança entre regiões desmarcadas; o relevo da terra, a composição do solo e as condições clima-

Liga Portuguesa de Profilaxia Social

A SINCERIDADE

Sinceridade, sinceridade, quer dizer franqueza, lealdade, dignidade, coragem, honra. Palavra admirável que envolve outras de elevada acepção. Singular atracção exercem as pessoas sinceras, porque reúnem

nesses dom os encantos de várias virtudes morais. A vida seria bem mais doce se a sinceridade reinasse entre todos os homens; estabelecida a confiança entre eles, afastar-se-iam as principais causas de discórdia e de lutas.

Falar com sinceridade, agir com sinceridade! Feliz a sociedade se toda a gente procedesse assim! Exigem-se dos homens de bem, muitas qualidades. Nenhuma, porém, influi tanto no meio em que vivem, como a sinceridade. Só aos homens de boa tempera ou antes, aos santos e aos mártires, é dada a ventura da sinceridade. Para ser verdadeiramente sincero é mister ser corajoso, a fim de vencer as próprias fraquezas, mas em determinadas circunstâncias é preciso ser mais do que corajoso, é preciso ser herói e santo.

Só vivemos contentes quando a consciência não nos acusa do que pensamos, falamos ou fizemos.

Completamente felizes só podemos ser quando convivemos num meio em que se pensa, fala e age com o coração nas mãos.

A mocidade, é naturalmente sincera. O medo, a vaidade, mil influências, mil interesses, fazem, porém, com que muitos jovens quebrem esses instintos, alicerce básico da dignidade. Resistir aos embates, vencer as traições do meio, conservando-se na posse desta fortuna interior, equivale à mais bela das vitórias na existência de qualquer homem.

Ser sincero, porém, não obriga a dizer tudo o que se pensa; sincero e franco, mas discreto. Melhor seria não ter em mente senão aquilo que se pode dizer. Falar com sinceridade sobre coisas que devemos calar, é faltar à prudência e muitas vezes à caridade.

No momento actual do mundo trava-se a maior das lutas até hoje nele registadas, da sinceridade contra a hipocrisia. A peleja mantém-se renhida, encarniçada, parecendo indecisa. A vitória caberá à sinceridade. Estamos atravessando os limites da época em que domina o artificialismo, gerador das desconfianças, das atitudes dúbias, da escravização do pensamento e da acção.

Cerrai fileiras entre as novas cruzadas da sinceridade! Iniciai a campanha salvadora fazendo-vos sinceros convosco mesmo, convencidos de que a força da sinceridade é inata e deve existir sempre viva no coração de todos os homens bons.

Telefone 026 520

Data boas Fotografias
Foto Montijense

Publicações Recebidas

— *Plateia* — Revista de Cinema.

Director — *Baptista Rosa*.
Redacção — *R. Saraiva de Carvalho*, 207 — Lisboa.

N.º 138.
Na capa Virgílio Teixeira; no sumário, entrevistas com «ases» do Cinema, consultório, concurso, etc.; em separata, Kathleen Hughes.
Como sempre, todo o número adorável.

— *Rodoviária* — Revista de Transportes e Turismo.
Director — *Oliveira Santos*.

Redacção — *R. dos Navegantes*, 58-1.º E. — Lisboa.
N.º 16 — Dezembro.

Continua «Rodoviária» no primeiro plano das publicações desta especialidade.

Número interessante, profusamente ilustrado, de colaboração esplêndida.

— *Terras de Portugal* —

N.º 479 — Dezembro.
Director — *Costa Pereira*.
Redacção — *R. do Anjo*, 35 — Braga.

Número de Turismo por terras do norte e por Lisboa, noticioso, ilustrado com imensas gravuras, — número de sensação e de aplauso.

«Terras de Portugal» marcou o seu lugar e segue na rota projectada com todo o brilho e com toda a distinção.

O Regionalismo e o Turismo devem-lhe altos serviços.

— *Boletim Económico e Financeiro* — Banco Português do Atlântico. Sede social no Porto, sede central em Lisboa.

N.º 11 — Novembro — ano 26.

— «Antónios» — Do Grupo Onomástico «Antónios de Portugal».

Director — *Dr. Martins da Cruz*.

Redacção — *R. dos Anjos*, 13-6.º E. — Lisboa.

N.º 12 — Ano VI.
Cartão de Boas Festas que agradecemos efusivamente.

Curioso manancial de assuntos relativos ao agrupamento e também de certo modo de ensinamentos e cultura.

— *A Cooperação* — Revista de cultura, informação e divulgação técnica.

Director — *José da Silva Baptista*.

Redacção — *R. de Alves Torgo*, 13 — Lisboa.

N.ºs 3 e 4 — Ano I.

Rapidamente assumiu o seu notável lugar esta novel Revista. No aspecto geral, cada número melhor. Nos pormenores, subindo sem hesitações e sempre em linha progressiva.

Digna, pois, de recomendação.

— Agradecemos os exemplares que todas as publicações nos enviaram.

Caminhos da Saudade

Por Amaral Frazão

A saudade, quando calma, é mais sentida. Dura mesmo toda a vida, embora muita gente julgue que não é assim.

Isto quer dizer que os arrancos e as excitações sentimentais nem sempre são os melhores índices da saudade.

A perda de um filho tira-nos anos de vida. É como se nos arrancassem um pedaço da alma.

Há uma flor chamada saudade. Quando ela se aloja na nossa alma é flor que nunca murcha. Cria raízes eternas.

Os cemitérios não me amedrontam nem me apavoram. Os que residem nessas grandes e pequenas cidades misteriosas descançam. Os que os visitam vêem-os. A alma também vê.

A dor que os olhos não mostram não deixa de ser dor.

A dor não mata. Pelo contrário, alimenta a nossa vida e morre com quem a sente.

E que seria da velhice sem a saudade? Uma vida desoladora, sem finalidade, sem beleza, sem vida enfim.

Recordar é viver? Sim. Recordar não é morrer, mas a vida é a morte lenta. As recordações sucedem-se e avolumam-se à medida que a vida se vai diluindo.

A vida do homem seria intolerável se a flor da saudade não viesse espalhar à sua volta seu suave perfume.

Quando a mão caprichosa do destino arrebatava para longe de nós gratas ilusões, é sempre a saudade que as torna a trazer.

A saudade nunca nos deve desamparar. Sem ela, o homem seria um naufrago em pleno Oceano, a lutar com as vagas alterosas e sem um vislumbre de salvação.

Recordar é ter saudade. Saudade é recordar. Recordamo-nos do mau. Mas o bom é que perdura no nosso espírito, é que nos deixa, realmente, saudade.

Este número de «A Província» foi visado pela
CENSURA

POR TERRAS GALEGAS

A todos os meus companheiros de viagem

Depois do *lauto banquete* daquela Pensão absurda, nada mais havia a fazer: **CAMA!**

A chuva continuava caindo e nem se podia sair à rua, para ver os aspectos nocturnos da cidade.

Recolhemo-nos à «*espe-lunca*» onde passámos a noite. Se não fora o asseio das camas (o que é tradicional em toda a Espanha), tal instalação seria intolerável. Assim, *tant bien que mal*, lá dormimos a última noite galega, com lavatórios de lata e sabão azul, com janelas sem vidros e cadeiras avariadas.

A pobre velhota que tomava conta da *camarata* falava pelos cotovelos, talvez no desejo de disfarçar com a verborreia a miséria franciscana que lhe estava confiada.

Contava histórias da sua mocidade, descrevia as peregrinações de antano, apontava as celebridades a visitar, estropiava os nomes e as citações, punha Orense nos carrapitos da lua, e sempre com gestos teatrais, com esgares de megera em férias.

Nós a queremos sair para a rua, para o sol que nos espreitava através dos vidrais e das vigas, e ela a dar-lhe, a dar-lhe sem se calar um momento!

Para despedida das nossas deambulações por quartos e *habitaciones*, não se poderia arranjar melhor apoteose...

Tivemos que romper à força.

Saímos enjoados. A largos passos nos dirigimos para a Praça Maior, com suas arcadas lembrando as de Évora, escadarias laterais e edifícios pesados, tristonhos, de moles graníticas.

Felizmente, o dia apresentava-se primaveril, convidava a viver a vida com boa disposição.

A cidade, — a antiga Áuria coroadada pelos pântanos báquicos e pelos apolíneos loureiros —, tem as raízes do núcleo antigo das costas de Montalegre, em declive para o pequeno vale de Barbanha, e estende-se modernamente até o Minho.

O conjunto geral dá-nos a impressão duma relíquia que o Tempo respeitou e conservou, tal como há séculos, sem lhe alterar a fisionomia.

Pela rua do Progresso vamos até as Burgas.



TELEVISAO
Agente:
A. Ventura & Filho, L.^{da}
R. Guerra Junqueiro, n.º 4
Telef. 026495 MONTIJO

ORENSE

XIII

As Burgas são as fontes de água quente, — uma das principais curiosidades de Orense.

Descendo as escadas de pedra, lá chegamos. As três principais abrem as bocarras aos doentes que ali vão em procura de alívios aos seus males. A fonte central, — a

Crónicas e Reportagens
por
ÁLVARO VALENTE

mais quente —, está envolta em bela arquitectura, com as armas antigas da cidade.

As fontes. — a de cima, a de baixo, e a do meio — são propriedade do povo, que as desfruta integralmente, transportando até as suas águas para usos domésticos.

Na do meio, encontramos um homem relativamente novo com um furúnculo no braço direito, lavando a chaga com algodão embebido na água, como numa enfermaria. Disse-nos logo que estava muito melhor e que havia de se curar com aquela «*miraculosa*» panacea. E acresecentou-nos, à guisa de cicerone, que se depena em dois minutos uma galinha ali mergulhada, e que a fonte de cima tinha sua origem por baixo dos pés de Cristo, a grande profundidade, em relação com um vulcão que há-de estalar qualquer dia...

O caudal das fontes é de 300 litros por minuto e as temperaturas oscilam entre 66 e 70 graus centígrados.

Que admira, pois, que depene as galinhas em dois minutos!

Quando regressávamos, subindo as escadas, encontramos um velhote que ia à fonte com sua garrafa.

Perguntámos-lhe:

— *Se siente usted mejor con las aguas calientes?*

(Continua)

FILOSOFIA

*Demócrito, Pitágoras, Platão,
Aristóteles, Sócrates são fastos
Da ancila do saber dos mundos vastos,
Titãs de pura ideia em embrião.*

*Laboratório activo da Razão,
Pensador ruminante dos seus pastos,
Devassa ao intelecto arcanos gastos
Do ser, não ser — empírica noção.*

*A si mesma se pensa, se investiga,
Em louca ansiedade se litiga,
No caos nebuloso ela volita.*

*Rodam orbes, fantástica quadriga,
Decrépita dos séculos, da fadiga,
Claudica atroz na dúvida maldita.*

João Pereira Bastos

Ao que nos respondeu imediatamente:

— Muito melhor. Estou quase curado duma úlcera do estômago que trazia há três anos.

E tudo isto em belo português!

Ficámos novamente radiantes!

Conversámos os farrapos e tivemos que lhe escutar a história circunstanciada das suas aventuras por terras da Galiza...

Ao cima da escadaria secular, depara-se-nos o novo mercado, tumultuoso, movimentado, e longitudinalmente um pequeno jardim onde outra fonte, também de água quente, espicha para os ares seu repuxo.

Dizem-nos ali que, nos dias nebulosos de inverno, os vapores das fontes afugentam as geadas!

Na verdade a paisagem é típica, original, e nota-se, nesse verão sem governo, uma neblina finíssima que tolda um pouco a luz do sol.

Percorremos o jardim do Posio, com seu arvoredor e placas ajardinadas em relvas, sua fonte estrelada de taças ao alto, largas avenidas e belas sombras para quando o «*amigo*» verão se dignar aparecer e obrigar os passeantes a procurá-las.

As horas passam como relâmpagos. Ainda desejo ver mais alguma coisa de Orense, embora me pareça que pouco mais haja para observar...

No entanto, o guarda do jardim fala-me na catedral e no castelo de Maceda.

Quero ver se, ao menos, deito uma vista de olhos à catedral, pois o castelo fica fora de mão, — segundo as informações do guarda.

Voltamos à Praça Maior... e às compras. Isto nunca mais se acaba! Há quem tenha vontade de levar de Espanha as lojas de modas, as sapatarias, as perfumarias em peso!

Folha

ao

vento...

Há por aí, bem o sei, quem sintam calafrios ao notar a aproximação do Inverno, essa quadra do Tempo tido como antipática, embora se reconheça como indispensável para a Humanidade e se saiba que durante esse período muitos vão desta para o outro Mundo.

A antipatia que muitos têm pelo Inverno deve justificar-se pelo facto de nessa quadra os campos se nos apresentarem tristonhos, as árvores despidas de toda a sua beleza, os rios transbordando no desejo de afogar as terras, os cabeços, montes e serranias cobrindo-se de montes de neve, pouquíssimas flores conseguindo medrar e vencer as agruras, o Vento e a chuva fustigando-nos atrozmente, o nariz sempre a pingar e os brônquios em catarros. Mas, encarando bem o Inverno, caro leitor, com um pouco mais de calma, acabaremos, certamente, por não nos aborrecer tanto com ele, dado que nos convençamos de que é ele quem prepara todo o bem-estar que vamos gozar nas restantes quadras do ano; pois, sem tudo que ele nos traz e nos irrita, não seria possível colhermos os grandes benefícios que, uma vez ele terminado, vamos encontrar.

Lembra-me, mal comparado seja, os lamentos que todos nós fazemos em meninos, quando os nossos pais se empenham em nos preparar para a vida e que tantas arrelias nos encham pelo tdoce bem que somente mais arde compreendemos e, então, damos graças a Deus pelos tormentos por que nos fizeram passar!

Convençam-se todos de que o Inverno não é tão mau como o querem pintar, e habituem-se a apreciar-lhe a sua grande poesia, que a tem inegavelmente, e nunca esqueçam que o Inverno é mais leal do que o Verão, uma vez que durante ele podemos aumentar os abafos à medida que o frio vai apertando e no Verão a coisa muda muito de figura, visto que, por mais roupinha que tiremos de nós, o calor será sempre o mesmo... atendendo a que devemos ter em atenção as conveniências sociais e os olhos da policia...

Zé dos Anzóis

Tendo V. Ex.^a que efectuar
Seguros em qualquer ramo
não deixe de consultar

Luis Moreira da Silva

Rua Almirante Reis, 27

Telefone 026 114

MONTIJO

DESPORTOS

Futebol Campeonato Nacional da 2.ª Divisão

Juventude, 2 Montijo, 0

Equipas:

JUVENTUDE: — Tito; Canhão e Toupeiro; Taular, Casimiro e Ornelas; Gonçalves, Simões, Caeiro, Uceda e Caraca.

MONTIJO: — Redol; Valentim e Anica; Neto, Manuel Luís, e Serralha; Barriga, Veredas, João Mário, Mora e Ernesto.

Campo do jogo: — «Sanches de Miranda», em Évora.

Árbitro: — Francisco Guiomar, de Beja.

Parece que ainda duram os efeitos dos erros de Coruche!

Com efeito, há erros que se reflectem nos caminhos da vida por longo tempo.

Será este o caso?

A turma montijense mostra-se diferente desde Coruche, decepcionando os adeptos e os que esperam para Montijo uma dignificadora classificação.

João di cá, porém, não desanima ainda. Lamenta o que se passa; mas espera ainda na reacção natural por parte dos nossos jogadores.

Embora no seu incógnito, João di cá deseja ver o grupo local bem colocado e há-de esperar até o último momento, confiadamente, que os briosos rapazes que o compõem não-de «salvar a honra do convento».

E o João di cá continua a julgar que é assim que se serve o prestígio do Clube e o de Montijo, e nunca saindo de sócio nesta altura para voltar quando as coisas melhoram e o sol começa outra vez a brilhar com luz mais intensa...

Mas, vamos ao jogo:

— É claro que todos quantos se deslocaram a Évora (desta vez não foram muitos), tiveram o desgosto e o aborrecimento da desilusão sofrida.

Isto sucede, porém, com os grandes clubes e com as grandes turmas. Não vemos nós, constantemente, surpresas que nos deixam de «cara à banda»?

O «onze» montijense realizou um jogo inferior, muito abaixo das primeiras exhibições do campeonato. Não há dúvidas.

Acontece-lhe isto principalmente «fora de casa»?

Porquê? Por uma questão psicológica ou porque?

Vá lá saber...

Em Évora, então, quando até os adversários receavam o valor da turma, como o demonstraram de início, ainda menos se explica.

Mas, vamos ao jogo em si:

— Na primeira parte, os médios trabalharam com afinco, com certa vontade; as avançadas, porém, eram vagarosas, tão vagarosas que os adversários facilmente as anulavam.

Até vinte e tantos minutos ainda se notou certo equilíbrio, mercê dessa actuação, mas, após o golo de Uceda, o Juventude colocou-se em vencedor e assim foi até o final.

Em todo o caso, o próprio vencedor a dominar também perdeu bastantes oportunidades de aumentar o marcador...

A segunda parte foi pior.

Quando se esperava a tal reacção, foi quando o Desportivo esmoreceu de todo!

E só devido, certamente, ao factor sorte é que o «score» não foi muito maior!

Foi o factor sorte e foi também o facto de o Juventude baixar de rendimento, talvez por ver que a vitória tinha sido mais fácil do que todos esperavam.

Aos 30 minutos, o golo de Caraca pôs o marcador na conta referida. E pronto. Não há mais que acrescentar.

Esperemos que o novo ano de 1957 nos dê o calor e o entusiasmo do princípio.

A arbitragem bem, sem dificuldades.

Hoje, não fazemos distinções.

Faz de conta que é castigo...

O Desportivo ficou na classifica-

ção geral em 4.º lugar, em igualdade de pontos com o Olhanense, — 23 pontos.

Boas Festas e um Ano Novo mais próspero e com melhores êxitos do que os últimos, deseja ao Desportivo o vosso

João di cá

Montijo, 2 Almada, 1

Equipas:

Desportivo — Redol; Valentim e Anica; Neto, Manuel Luís, e Serralha; Barriga, Veredas, João Mário, Mora, e José Paulo.

Almada — Octaviano; Simões e Leal; Bernardo, Jaime Silva e José Augusto; Catalarrana, José Saraiva, Décio, Duarte, e Almeida.

Árbitro — Viriato Maximiano, de Lisboa.

Basquetebol

Montijo, 31 - Cuf, 39 (JUNIORES)

1.º Jogo do Campeonato Regional, realizado no Montijo e sob a arbitragem do sr. Júlio Tavares.

As equipas alinharam:

MONTIJO (15 cestas e 1 lance livre transformado em 8 tentados), José Maria (17), Cepinha (8), Frade, Castanheira (4), Ribeiradio (4) e Alexandre.

CUF (15 cestas e 9 lances livres transformados em 16 tentados), Cruz, Oliveira (3), Guimarães (19), Dias e Frutuoso (17).

Ao intervalo 22-17 a favor de Montijo.

Foi a apresentação da equipa de juniores do C. D. M.

Mercê de mais um esforço digno de todo o aplauso, a Comissão de Basquetebol apresentou este ano novamente aquela categoria em continuação das representações dos dois últimos anos.

Dizemos esforço, pois que a maioria dos elementos integrados na equipa começaram a sua aprendizagem há relativamente pouco tempo — três meses, se tanto. Como se poderá verificar, tem cabimento aquela nossa afirmação e daqui nos apresamos a felicitar o orientador e treinador da equipa sr. Acácio Dore que, proficientemente, tem dirigido o ensinamento daqueles jovens.

Não foi feliz a apresentação, paciência. Contudo, notou-se que o trabalho não tem sido em vão e que as horas de paciência gastas terão os seus frutos no prosseguimento da obra.

Viram-se rapazes que há tempos atrás não sabiam o que era uma cesta, um lançamento, os «três segundos», etc., e que mercê de TRABALHO e BOA VONTADE já decoraram aquelas palavras e as utilizam na prática para o engrandecimento do nosso clube, o Clube Desportivo de Montijo.

Parabéns pois ao sr. Acácio Dore, aos seus juniores (mais uns sacrificados à causa do Basquetebol montijense) e à incansável Comissão de Basquetebol do C. D. M.

Referindo-nos ao jogo, diremos que teve duas partes absolutamente distintas. A primeira com domínio do Montijo e a segunda com domínio da Cuf.

No primeiro tempo a nossa supremacia teve em José Maria e Cepinha os seus principais fulcros. O primeiro como organizador do jogo e como marcador esteve grande e o segundo só como mar-

cador, esteve razoável. O resto da equipa movimentou-se agradavelmente sem, todavia, os outros elementos chegarem à craveira dos seus dois colegas.

Ao segundo tempo foi incomprensível a renúncia de José Maria à tentativa de lançamento e daí a subida da Cuf.

Resultado: Aproximação dos Cufistas no marcador até chegarem à posição de vencedores e desorientação da equipa montijense, que só marcou 9 pontos neste meio tempo em contraste com os 22 pontos obtidos na primeira parte.

A defesa oscilou demasiado, sendo por demais vulnerável a posição de Frade, que, sem a mobilidade exigida, fraquejava nitidamente.

Sabemos não ser este jogador um titular, pois que este não jogou por questão de idade ou ainda não estarem devidamente despachados os documentos respectivos.

Além dos já citados José Maria e Cepinha, feriu-nos a atenção o trabalho e as possibilidades evidenciadas por Ribeiradio, — outro agora iniciado mas que já revela uma notável intuição para a prática da modalidade. De invejável estatura será dentro em breve, se continuar treinando com a mesma boa vontade como até agora, um grande jogador. Oxalá não desmereça pelo caminho.

Arbitragem regular do sr. Júlio Tavares.

Outros resultados obtidos pelas equipas do C. D. M.

Em Setúbal — 1.ªs categorias — Vitória 29 - Montijo 25.

Em Almada — Reservas — Almada 31 - Montijo 23.

Luciano Mocho

Rifa duma concertina

Avisam-se os interessados de que a concertina por mim rifada, saiu no número 276, referente aos últimos três algarismos da lotaria do Natal, devendo a mesma ser levantada pelo interessado no prazo de 30 dias, a partir desta data do anúncio.

Adelino Francisco — Alcochete.

Várias Notícias

Padre Pólvora LUTUOSA

Comissão:

D. Irene Salgado, D. Maria de Oliveira Costa, e D. Ilda Mendes Capela, em colaboração com o Sr. Prior Manuel Gonçalves.

Romagem no dia 27 e as solenidades religiosas, no dia 28.

No dia 27 em romagem ao cemitério e inauguração do mausoléu.

Faleceu no dia 5 do corrente, na Ordem 3.ª de S. Francisco, em Lisboa, a sr.ª D. Maria Helena da Silva Oleiro Carrusca, de 28 anos, natural de Montijo, casada com o sr. José Miguel Carrusca.

O funeral realizou-se no dia seguinte para a igreja matriz de Montijo, saindo o cortejo fúnebre pelas 17 horas para o cemitério local, nele se incorporando muitas pessoas de família, amigos e populares, visto a inditosa senhora ser muito estimada.

«A Província» apresenta os seus sentidos pésames à família enlutada, e em especial ao nosso colaborador sr. Artur Lucas, cunhado da extinta.

Faleceu no dia 15 de Dezembro passado a sr.ª D. Maria da Purificação Rosa, viúva, de 94 anos, natural de Montijo. O funeral realizou-se no dia seguinte para o cemitério local.

«A Província» apresenta à família enlutada as suas condolências e em especial ao sr. Abel Fernandes Tobias Marques, nosso dedicado assinante.

Ovos de incubação

De pura raça inglesa (Sussex). Recebem-se encomendas. Jacinto Levy Ramos Dias Telf. 026247-R. Almirante Reis 116-118

— MONTIJO —

Concurso de Prognósticos

Cupão N.º 16

Acertaram em 13 resultados 5 concorrentes: Manuel Joaquim Dias, Rua Silva Carvalho, 177 - 1.º E. Lisboa; Maria Deolinda L. Feijão, Rozendo Samoreno, Reinaldo Martins Bernardo, e Maria do Rosário O. Gomes, de Montijo.

Prémios para o cupão n.º 18

Aos que acertem em todos os resultados

1.500 \$ 00

em compras em estabelecimento à escolha do contemplado

Aos que acertem em maior número de resultados

Lanternas eléctricas de algibeira (sem lâmpada e sem pilha), mais uma oferta da SETEL, a maior casa em artigos eléctricos em Montijo.

Os resultados do N.º 15 aguardam o encontro Estoril-Arroios.

CORTE POR AQUI

CUPÃO N.º 18

Concurso Prognósticos de Futebol de «A Província»

1.ª Divisão		2.ª Divisão (Zona Sul)	
Porto	Covilhã	Montijo	Arroios
Cuf	Sporting	Portimone.	Olivais
Caldas	Benfica	Olhanense	Almada
Belenenses	Académica	Montemor	Fareense
Atlético	Torreense	Portalegre	Juventude
Oriental	Barreirense	Estoril	Coruchense
Lusitano	Setúbal	«Os Leões»	Beja

Nome _____
Morada _____
Localidade _____

«A Província» Cupão N.º 18

Enviar este cupão até às 12 horas de Domingo 20



do Minho ao Guadiana



Estremoz

Bombeiros Voluntários

—Realizou-se no domingo, 23 de Dezembro, a festa do Natal dedicada aos Bombeiros Voluntários desta cidade, que pelo esforço e dedicação com que se desempenharam durante o ano à causa da humanidade, o comando e a direcção promoveram a festa do Natal do Bombeiro.

No quartel da Corporação compareceram algumas entidades e colectividades convidadas, a fim de assistirem à cerimónia, que teve lugar às 15,30 horas, sob a presidência do Vice-Presidente da Câmara, Ex.^{ma} sr. Alfredo Cortês Simões.

O comando e a direcção, quiseram premiar os soldados da paz, pelos relevantes serviços prestados fora e dentro da cidade, com a distribuição de prémios, louvores, promoções e condecorações, facto com que, carinhosamente nos comoveu, o louvável procedimento dos directores da Associação.

Como brinde do Natal, o Comandante sr. Abilio Augusto Maleitas de Jesus, entregou também a cada Bombeiro um sobrescrito contendo um donativo. No decorrer da festa o sr. Comandante declarou que a Corporação em 1957 será dotada com mais uma viatura, e uma ambulância que se considera de absoluta necessidade. O Vice-Presidente da Direcção confirmou a declaração feita pelo Comandante.

Ao terminar a festa, foi servido um lanche a todos os presentes.

Festa da Família

—O Orfeão Tomás Alcaide realizou na noite do fim do ano o seu tradicional baile da família, para os seus associados. O baile teve lugar no Teatro Bernardino Ribeiro e foi abrilhantado pela apreciada orquestra «Caravana».

Dia de Ano Bom

—O Estremoz Futebol Clube realizou, no dia de Ano Novo, o seu tradicional jantar aos pobres da cidade.

Consta que o jantar foi servido a mais de 1.200 pobres, merecendo os seus organizadores os maiores aplausos por parte de toda a população estremozense, pelo notável esforço e persistência com que presentearam os desprotegidos da sorte, oferecendo-lhes um jantar digno no primeiro dia do Ano.

Bem hajam... Bons Corações!... — (C.)

Nazaré

Caça Submarina

O Grupo Desportivo Os Nazarenos acaba de criar uma secção de Caça Submarina, por iniciativa de alguns praticantes da modalidade desta praia. É curioso notar que é este um dos primeiros clubes do país a criar uma secção de Caça Submarina, apesar da sua escassez de recursos financeiros ser muito incompatível com a manutenção de uma modalidade, que se conhece bem ser só para ricos.

Pessoalmente congratulamo-nos com o facto, pois conhecemos o valor de alguns dos organizadores.

Entretanto, lamentamos

que se continui a chamar caça ao que é afinal, queiram ou não congressos ou não congressos ou polémicas, pesca e só pesca. Isso porém pouco importa. Essencial é que todos os praticantes desta novel actividade desportiva se regulamentem definitivamente, criando responsabilidades, de modo a respeitarem a prática da vizinha modalidade de Pesca Desportiva.

Dizem alguns que a Caça Submarina não prejudica os pescadores. Só quem não sofreu ainda esse prejuízo o pode dizer. Por isso bem haja a ideia dos senhores Dr. Armando Laborinho e Manuel G. Coelho, da qual esperamos uma acção notável, tanto quanto a desejamos.

Viana do Castelo

Homenagem — Comemorando o 48.º aniversário do Dr. Eduardo de Sousa Gomes, director do Rancho de Santa Marta, foi-lhe prestada uma significativa homenagem com um banquete na Quinta da Bela Vista, à qual se associaram pessoas de maior relevo na cidade de Viana.

Serviços Florestais — Por Decreto foi entregue a estes serviços a arborização e ajardinamento do Monte de Santa Luzia, pelo que, estamos certos de que o ilustre Engenheiro Sr. Álvaro Figueiredo aformoseará o local de que Viana se orgulha, porque, olhando para o que o mesmo senhor fez nos terrenos onde se encontra a Direcção dos Serviços Flo-

restais, à margem da estrada de acesso a Santa Luzia — não teremos dúvidas de afirmar que, dentro de pouco tempo, o aformoseamento do Monte de Santa Luzia tornar-se-á uma realidade, o que muito concorrerá para o embelezamento do local que é admirado por todos, visto nos mostrar um panorama como não há outro que o iguale.

Estaleiros Navais — Neste estabelecimento, que muito honra a Princesa do Lima, foi ultimamente lançada à água mais uma unidade para a Armada Portuguesa, unidade que foi admirada pelo seu cabal acabamento. Neste estabelecimento, onde trabalham diariamente 1.200 operários, — só existe o desejo firme de apresentar os seus trabalhos perfeitos, e o pessoal técnico é do melhor. Várias vezes temos sido recebidos neste estabelecimento tidalgamente pelo Eng.º Sr. José Mateus Vieira, o que nos apraz deixar aqui registado.

Viana, orgulha-se e pode-se orgulhar por possuir dentro dos seus muros um estabelecimento que honra a Indústria Nacional.

No estrangeiro não se produz melhor.

Ultimamente, foi inaugurado nos Estaleiros Navais uma cantina destinada a fornecer alimentação aos seus operários por preços módicos.

Termino, afirmando que a Direcção deste estabelecimento é digna da nossa maior estima. — (C.)

A água e sua importância na suinicultura

(Continuação da última pág.)

como em malhada, sentem, durante os meses quentes do estio, a necessidade de um refúgio ou abrigo à sombra, na terra húmida e também na água, se estiver ao seu alcance, para se deitarem ou chafurdarem e menos calor sentirem.

É por isso que os suinicultores norte-americanos, qualquer que sejam os meios e condições de alojamento, protegem os seus suínos contra as temperaturas de verão, por meio de construções designadas por *SHADES*, *SHEDS*, e *WALLOWS* — que não são mais do que alpendres rústicos, telheiros resguardados com paredes e largos tanques de água para uso dos animais.

Tanto os tanques como os chuviscos permanentes de água pulverizada (usados ambos em regime de malhada), são prática comum no TEXAS e noutros Estados da América do Norte, onde as temperaturas no verão atingem facilmente os 37° C. à sombra, com 95 e 100% de humidade.

Numa das instalações para engorda de suínos, aqui no Texas A. & M. College, tivemos ocasião de verificar que os próprios animais, sentindo a necessidade de se libertarem do excesso de calor, correm voluntariamente aos tanques e aos chuviscos de água pulverizada com que muitas malhadas estão equipadas. Esta prática, que tem dado os melhores resultados no que se refere ao aumento de peso diário, é largamente empregada nos E. U. por todos aqueles que se dedicam à suinicultura, vindo este facto mais uma vez demonstrar quão úteis e proveitosos são os conhecimentos, quando cientificamente aplicados à prática.

Aldeia do Avesso

Por Alvaro Valente

E gemia devagarinho...

De — repente, ele parou:

— Bem. Tudo se há-de arranjar. Descansa. Vai andando para a fonte lá em baixo, no corte da Raza, e espera-me. Vê se te lavas e se te compões. Não sei o que me pareces... Pareces-me uma mulher das ruas! Não quero ver-te assim, ouviste?

Tenho que ir ao telefone e umas ordens a dar. Daqui a pouco estarei contigo. Então, tudo combinaremos. Segue por este carreiro do lado; não dês a volta por onde vieste que não quero espectáculos. Anda, mexe-te...

E ela, como sonâmbula e sem uma palavra ou queixa, foi por ali fora em direcção à fonte.

Chegou, lavou-se, compôs-se e sentou-se à espera.

Nem uma lágrima! Sentia a cabeça num vulcão e matraqueavam-lhe os sedenhos desordenadamente. Ao mesmo tempo, subia-lhe do íntimo uma revolta surda, que lhe tomava a respiração e a obrigava a fundos haustos!

— Quem a mandaria dar ouvidos àquele malandro, — àquele estranho que o destino lhe pusera no caminho e a esfarrapara toda?! Só ela era culpada, mais ninguém. Era certo... Mas havia de se deixar ir, assim, aos baldões de barroco em barroco até ficar desfeita nos agros de amanhã, sem gritos, sem raivas, sem morder com ódio, em todo o corpo, aquele que abusara da sua inocência e da sua vaidade?

E a revolta crescia, apertava-lhe a garganta, sufocava-a...

Dava-lhe vontade de se deitar à reboleta pelas ribanceiras, pra bater com a cabeça nalgum calhau ou desaparecer nos fojos do rio...

— Mas, desta forma, ele ver se-ia livre dela e de aflições, continuaria a enganar outras moças prá abandonar em seguida, pejudas e na miséria?! Não. Ela ainda tinha forças pra se vingar! Mas vingar-se, como? Nunca teria coragem pra se vingar do primeiro homem de quem gostara e que seria o pai de seu filho.

Esbraseava-lhe o corpo e o entendimento, ardia em febre no sangue, nos nervos...

E novamente o choro convulso a dominou por completo, enrodilhando-a como farrapo velho na caruma rastejante.

Entretanto o sr. Morais aparecera no alto da pequena ladeira.

Vinha sorridente e ligeiro.

Depois da aflicção, raciocinara tranquilamente e concluiu por modificar as suas intenções.

— Não podia cortar assim com a rapariga, com brutalidades e rompan-tes, sob pena de comprometer a sua situação e provocar a dura antipatia da aldeia em peso.

Além disso, aquela notícia da última hora deixara-o abrutalado.

— Que formidável espiga! Não lhe faltava mais nada se não um filho, agora que a vida lhe corria num paraíso!

E estudando o problema com calma e sagacidade, de trás para diante e de diante para trás, tomara por fim outras resoluções:

— Com mel é que se apanhavam moscas, não era com vinagre...

E assim que a avistou em baixo, perto da fonte, acenou-lhe alegremente, como fazia nos primeiros dias quando a visitava em casa.

Depois, com ronha e manha, rodeou-a de atenções e carícias, mostrou-se muito satisfeito com a novidade que lhe dera, tudo era planear ridentes futuros e maravilhosas perspectivas!

Ela acreditava-o outra vez.

Adormecida ao calor dos beijos e da mágica melopeia daquelas palavras, deixava-se enlevar e já vogava nas mesmas águas.

(CONTINUA)

PÁGINA DE

Suinicultura e de Avicultura

De A. Montano

e da RAPEC -- Montijo

Entre as muitas funções da água, podemos considerar como das mais importantes o transporte dos elementos nutritivos nela dissolvidos, através do sangue no Reino Animal e da Seiva no Reino Vegetal.

A água tem a propriedade de reagir com muitos tipos de compostos químicos, não podendo realizar-se os processos metabólicos e catabólicos sem a sua presença.

Um abundante fornecimento de água é necessário para todos os processos vitais do organismo, tais como a digestão e a absorção dos elementos nutritivos e bem assim a eliminação dos produtos residuais ou de excreção.

Por esta razão deve ser administrada aos animais toda a água de que necessitarem, tão pura quanto possível e sem quaisquer gostos estranhos.

Se quiséssemos manter um animal, sem perder nem ganhar peso, teríamos que lhe fornecer como factores indispensáveis à sua manutenção, os seguintes elementos: temperatura; ambiente suficiente para assegurar as funções vitais; proteína em quantidade suficiente para reparar os desgastes diários dos tecidos orgânicos; um suplemento mineral para reparação das perdas nestes elementos; água e vitaminas.

É facto comprovado que a água é absolutamente indispensável à vida do porco e um dos importantes factores adjuvantes das reposições diárias, dado o seu papel estimulante do apetite e a sua acção sobre o bom funcionamento dos órgãos digestivos.

A quantidade exigida para as necessidades fisiológicas do porco varia consideravelmente. É mais necessária no verão do que no inverno, e mais nas rações «ad libitum» do que nas rações limitadas; também é mais requerida nas dietas ricas em proteínas do que nas rações de carboidratos, e ainda naquelas que contêm maior percentagem de fibra. Porcos novos, requerem naturalmente mais água em relação ao seu peso do que os mais velhos, porque, como é óbvio, consomem também mais alimento por peso, são mais rápidos os seus processos vitais e ainda porque a água está presente em maior quantidade nos seus tecidos. Porcos que bebem em bebedouros automáticos, bebem 25% mais do que aqueles que bebem quantidades limitadas.

A água e a sua importância na suinicultura

(TEXAS A. & M. COLLEGE)

Um constante e fácil acesso à água, às porcas grávidas, tem enorme importância quanto aos fenómenos que acompanham a gravidez e suas sucessivas fases, como a parição e a lactação.

A quantidade necessária para a dieta dos suínos varia bastante, segundo os diferentes autores. Alguns opi-

libras de peso vivo. Outros ainda preconizam 1 a 1,14

POR

A. MONTANO

MEDICO -- VETERINARIO

de galão por dia. Uma porca em gestação requer por dia

colocado perto do comedouro e equipado com uma lâmpada para evitar temperaturas excessivamente baixas, e mesmo a congelação, durante os meses de inverno. Durante o verão o fornecimento da água deve ser constante, os bebedouros devem estar convenientemente localizados na sombra, de forma que a água

que o bom funcionamento do intestino torna regulares as defecações e semi-fluidas as fezes, indicativo duma digestão normal, essencial a uma boa reposição diária.

As melhores rações, ou antes as mais equilibradas não provocam nem efeitos laxativos nem constipantes. O milho, um dos constituintes largamente empregados na alimentação dos suínos, é ligeiramente laxativo, enquanto a aveia é constipante. O trigo, as sêmeas e toda a alimentação verde têm também efeitos laxativos. Os produtos de origem animal são-no medianamente. O ideal está em saber equilibrar os elementos disponíveis de forma a obter-se uma mistura de ligeiro efeito laxativo. Este benéfico efeito é o resultado da quantidade de água presente nas rações, da percentagem de fibra e possivelmente da presença de certos sais minerais.

A água, é também de grande importância na regulação da temperatura do corpo. Além da contínua produção de calor, fornecido pelo próprio organismo através das suas funções vitais, existe nele um *auto-controle* que mantém constante a sua temperatura perante as variações climáticas. Esse *controle*, que é absolutamente involuntário, é comandado pelo centro termo-regulador que actua directamente sobre a circulação sanguínea por intermédio dos feixes nervosos. Quando a temperatura do corpo aumenta, maior quantidade de sangue aflui aos capilares das regiões periféricas, onde então algum calor é libertado pela irradiação e evaporação. Se este meio de regulação não é suficiente para conservar a temperatura normal, produz-se então a transpiração ou sudação cuja ulterior evaporação leva ao arrefecimento imediato.

Se o animal possui reduzido número de glândulas sudoríparas, como no caso do porco, observa-se então um maior número de movimentos respiratórios (polipneia), de que resulta uma elevada perda de calor através das vias respiratórias.

Verifica-se, no entanto, que, perante temperaturas elevadas, os animais, não podendo libertar-se do calor acumulado, podem ser grandemente prejudicados, uma vez que é comprometido o seu metabolismo e portanto também as suas reposições diárias. Os próprios animais, tanto os criados em pastagem

(Continua na página 7)

MONTIJO e os suinicultores e avicultores de todo Portugal conhecem e usam

PENIBEDOZE

(Suplemento antibiótico Penicilina + Vitamina B12)



- Aumentu as reposições
- Facilita o crescimento
- Evita e combate as diarreias
- Que, enfim:

Faz PORCOS, AVES E OVOS

melhores e mais baratos...

Pedidos à **RAPEC**

Avenida 5 de Outubro, 8

MONTIJO

* CROCKER DELAFORCE & Ca., Lisboa — são os agentes gerais

nam que um quarto de galão (0,95 litros) para cada libra (452 gramas) de ração consumida é suficiente. Outros recomendam um galão (3,78 litros) diário, para cada 100

pelo menos 1 galão e em lactação 5 galões, e porcos à desmama 1/2 galão diário.

Talvez que a melhor solução seja dar água à vontade num bebedouro automático,

permanença tão fresca quanto possível.

Uma importante característica das boas rações está no seu suave efeito laxativo. Todos os criadores sabem